



Musas e tágides n'Os Lusíadas

Autor(es): Pereira, Maria Helena da Rocha

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/30742>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0569-2_4

Accessed : 3-Dec-2021 16:54:46

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.





A CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira

Manuel Ferro

Coordenação

MUSAS E TÁGIDES N' OS LUSÍADAS

Em relação aos modelos clássicos, todos sabem como Camões os tomou por norma na sua epopeia e como os ajustou aos objectivos que se propunha alcançar. O poema tem, pois, uma proposição, invocação e narração lançada *in medias res*. Tem ainda – e aí o seu modelo terá vindo das *Geórgicas* de Virgílio (I. 24-42), como já notou Faria e Sousa, e dos *Fastos* de Ovídio (I.3-26), como sugeriu Epifânio – uma longa dedicatória a D. Sebastião. Neste esquema, porém, inserem-se algumas diferenças significativas, nas quais nos propomos atentar.

Uma está na estrofe terceira, que serve de articulação entre a proposição e a invocação; outra, na própria invocação. É que o poeta não vai limitar-se a cantar uma série de feitos comparáveis aos dos grandes heróis antigos, mas muito superiores a eles. O facto, preludiado no “passaram ainda além da Taprobana”, limite oriental do mundo conhecido pelos Antigos – quer deva identificar-se neste passo com Ceilão, quer com Sumatra¹ – é reencarecido na estrofe 3 com a introdução da fórmula conhecida, desde Propércio², como *cedat*, combinada com *taceat*, e constituindo assim, conforme observou Kurt Reichenberger³, o motivo da *Ueberbietung* ou «esquema de superação», definido por Curtius⁴. O esquema em questão culmina nos dois últimos versos da referida oitava:

¹ “Taprobanam alterum orbem terrarum esse diu existimatum est” – chega a dizer Plínio VII. 81 (citado por Faria e Sousa e recordado por Epifânio). Sobre a identificação de Taprobana com Ceilão ou com Sumatra, em que o próprio Camões parece ter hesitado, veja-se o que escrevemos em «Sobre o texto da Ode ao Conde do Redondo» in *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa* (Lisboa, 1988) pp. 83-108, especialmente pp. 99-101. De qualquer modo, foi a chegada dos Portugueses a Ceilão que deixou em textos de humanistas italianos as marcas do grande assombro, como mostrou A. Costa Ramalho, *Estudos Camonianos* (Lisboa, 1980) pp. 13-15 e p. 24.

² “Cedite Romani scriptores, cedite Grai; nescio quid maius nascitur Iliade” (III. 32. 65-66). Este famoso dístico de Propércio referente à *Eneida* já foi citado por Faria e Sousa.

³ «Epische Grösse und manuelinischer Stil. Untersuchungen zum Proömium der Lusiaden», *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte* 2 (1961) p. 89.

⁴ *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter* (Bern, 1948) pp. 69-172. A tradução por “esquema de superação” é de M. Rosado Fernandes e figura na sua versão de Heinrich Lausberg, *Elementos de Retórica Literária* (Lisboa 1966) p. 108. O «esquema de superação» também surge nos grandes cientistas da época: Garcia de Orta, *Colóquio dos Simples e Drogas*, nº XX; Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, prólogo. Pedro Nunes, *Tratado em Defesa da Carta de Marear*, exaltava a descoberta de “novas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos e, o que mais é, novos céus e novas estrelas”.

“cesse tudo o que a Musa antiga canta,
que outro valor mais alto se alevanta.”

Se referimos este texto que todos sabem de cor, não foi para evidenciar este princípio estruturante do poema⁵, mas por ser esta a primeira referência à Musa que nele se contém. Não pertence, porém, ainda, à invocação. Essa virá logo a seguir; contudo, não será endereçada à Musa, mas, como todos sabem, às “Tágides minhas”. Ocupará duas estrofes completas, nas quais soam com insistência as alusões à lírica do Poeta, com maior incidência na poesia bucólica: “se sempre em verso humilde celebrado / foi de mim vosso rio alegremente”, em I.4. 3-4, remete por hipálage para o adjetivo emblemático do canto pastoril⁶ (“non omnes arbusta iuvant humilisque myricaë”, da mais discutida égloga de Virgílio - IV.2) e para a paisagem do vale do Tejo, cenário habitual, embora não único, dos idílios camonianos, particularmente de “Ao longo do sereno / Tejo suave e brando” (II.1-2); do mesmo modo, “a agreste avena ou frauta ruda” (I.5.2) reenvia para a não menos célebre “silvestrem tenui musam meditaris avena”, que Títiro exercitava no começo da *Bucólica I* do Mantuano e que agora vai ceder o lugar à tuba canora e belicosa (I.5.3).

As Musas voltarão a ser mencionadas neste canto, no decorrer da dedicatória a D. Sebastião, mas agora para sublinhar a veracidade dos feitos que vão ser celebrados, em contraposição com os dos poemas renascentistas, cantados por Boiardo ou Ariosto, ou ainda pela medieval *Chanson de Roland*, essas “vãs façanhas / fantásticas, fingidas, mentirosas” (I.11.1-2), glorificadas por “estranhas / Musas, de engrandecer-se desejosas” (I.11.3-4).

É, pois, entre a *antigua Musa* e as *estranhas Musas* que vão situar-se as divindades inspiradoras invocadas nas estâncias 3-4. Entre a Antiguidade Clássica e os modelos estrangeiros surge, porém, algo que pareceria inesperado, não fora a insensibilização causada por cinco séculos de leitura e exegese camoniana: as *Tágides minhas*.

O nome – aliás, um patronímico – fora inventado por um grande humanista, como se sabe pela declaração do próprio. Efectivamente, André de Resende, na anotação 25 ao Canto II do seu poema *Vincentius Levita et Martyr*, observa que foi ele que teve a ousadia (*nos ausi sumus*) de derivar do “Tagus Lusitaniae fluvius... nominatissimus” os nomes de *Taganus*, *Tagis,-idis* (este, no poema sobre a morte de D. Beatriz de Saboia), *Cistaganus* e *Transtaganus*. O facto é bem conhecido dos especialistas de Camões desde que José Maria Rodrigues e Carolina Michaelis de Vasconcelos para ele chamaram a atenção, a propósito do esclarecimento da origem da palavra *Lusiadas*⁷.

A explicação para o que aparece como um desvio da norma literária é que tem variado. É conhecida a de Faria e Sousa, de que as Tágides eram as damas de Lisboa,

⁵ A expressão é de Kurt Reichenberger, «Vergleich und Ueberbietung, Strukturprinzipien im Epos des Camões», *Germanisch-Romanische Monatsschrift*, N. F., 10 (1960) pp.1-2.

⁶ Epifânio recorda, a propósito, a divisão dos estilos conhecida por Cícero, *Orator* 192 (“neque humilem et abiectam orationem nec minus altam et exaggeratam probat”).

⁷ José Maria Rodrigues, *Fontes dos Lusíadas* (Lisboa, 2ª ed. 1979) p. 13; Carolina Michaelis de Vasconcelos, «Lucius Andreas Resendius, inventor da palavra Lusíadas», *O Instituto* 52 (1905) pp. 241-250. A questão foi retomada modernamente por A. Costa Ramalho, “A palavra Lusíadas” in *Estudos sobre o século XVI* (Lisboa, 2ª ed. 1982) pp. 221-236.

identificação que ele julgava comprovar com a aproximação às *Éclogas*, nomeadamente a dos Faunos, no passo em que se descreve a chegada das Ninfas (que vai ao ponto de etiquetar uma a uma com os nomes das Musas, a pretexto de serem nove). Essa foi, no pitoresco e acertado dizer de Epifânio, uma “*cerebrina ideia*”. Este mesmo comentador, que a seguir refere a criação do patronímico pelo humanista eborense, faz também a seguinte observação: “Uma crença, que ascende aos tempos mais antigos, atribui às águas de certas fontes e rios, entre outras virtudes sobrenaturais, a de darem inspiração poética aos que beberem delas; estavam neste caso duas fontes da Beócia, que brotavam do monte Hélicon, a fonte de Aganipe e a Hipocrene; as Musas foram originariamente Ninfas de fontes criadoras de inspiração”.

A fonte de Hipocrene vem, de facto, mencionada no último verso da estrofe camoniana que estamos a analisar. Mas o seu modelo imediato pode ter sido, como notou J. V. de Pina Martins na sua introdução à edição fac-simile de *Vincentius Levita et Martyr*, novamente o poema do eborense⁸ que também sobre este nome dá uma explicação: «Hippocrenen, id est fontem Boeotiae Musis sacrum, sic dictum, quoniam ab equo Pegaso factus sit». Repare-se ainda que no princípio da *Teogonia* de Hesíodo (5-8), esta nascente pertence ao grupo daquelas que se situam nas alturas do Hélicon, nas quais se banham as Musas, antes de iniciarem os seus cantos e danças.

Que Ninfas e Musas nem sempre se distinguem claramente, é um facto. Mas não é de crer, no entanto, que, como afirma Epifânio, as Musas fossem «originariamente ninfas de fontes criadoras de inspiração». Elas são um grupo de divindades associadas a Apolo, embora significativamente filhas de Zeus e de Mnemósine, a Memória (Hesíodo, *Teogonia* 53-61) – e têm um nome que está talvez etimologicamente ligado a ἀνθάνω “aprender”. O poeta, como vidente que é, delas depende para ser capaz de ter sabedoria e capacidade criadora⁹. Nenhum texto exprime talvez tão bem essa relação como este fragmento de Píndaro¹⁰:

“μαντεύεο, Μοῖσα, προφατεύσω δ’ ἐγώ”

(Musa, dá-me um oráculo: eu serei o teu profeta.)

As Musas, neste sentido de inspiradoras do Poeta, em geral, ou nomeadas de acordo com as atribuições específicas que lhes haviam sido cometidas a partir do séc. II depois de Cristo (e não antes disso, como geralmente se afirma), são invocadas em pontos fundamentais de *Os Lusíadas*, designadamente, antes de se iniciar a narrativa da História de Portugal (III.1) e antes de principiar a profecia dos feitos portugueses no Oriente (X.8-9). Em ambos os passos, é Calíope expressamente nomeada, e no segundo diz-se dela que é a principal entre as nove irmãs (X.9.7-8):

“Mas tu me dá que cumpra, ó grã Rainha
das Musas, c’o que quero à nação minha.”

⁸ *André de Resende, Vincentius Levita et Martyr*. Reproduction en fac-similé de l’édition de Luís Rodrigues, Lisbonne 1545”. Introduction par José V. de Pina Martins (Braga, 1981) pp. 50-51.

⁹ Cf. Walter Burkert, *Griechische Religion der archaischen und klassischen Epoche* (Stuttgart, 1977) p. 180; e ainda E. R. Dodds, *The Greeks and the Irrational* (Berkeley, 1951) pp. 80-82. Sobre as várias etimologias propostas para o nome das Musas, veja-se Pierre Chantraine, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque* (Paris, 1980) s. v. mousa.

¹⁰ Frg. 150 Snell-Maehler.

Mais uma vez, o modelo ascende a Hesíodo que, ao fazer o catálogo das Musas na *Teogonia* (77-79) – a mais antiga menção conhecida dos seus nomes – termina com o de Calíope, acrescentando: «esta é, de todas, a principal» (ή δε; προφερεστάτη εἰστὶν ἀπασέων»). Virgílio, ao invocá-la em especial na *Eneida* IX.525, limitara-se a implorar-lhe que desse inspiração ao seu canto («Vos, o Calliope, precor, aspirate canenti»).

A tradição mítica consagrada pelo texto de Hesíodo transparece ainda na estrofe dedicada à criação da Universidade de Coimbra, quando se referem as Musas, símbolos do saber, como provenientes do Monte Hélicon, tal como as situara o próêmio da *Teogonia* (*Lus.* III.97.1-4):

“Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
o valeroso ofício de Minerva
e de Helicon a Musas fez passar-se
a pisar do Mondego a fértil erva.”

As Musas, e Calíope entre elas singularizada, ocorrem ainda depois de terminada a narrativa da História de Portugal, nas duas últimas estâncias do epifonema do Canto V (99-100), que vale a pena recordar na íntegra, porque contém dados importantes para a questão que nos ocupa:

“Às Musas agradeça o nosso Gama
o muito amor da pátria, que as obriga
a dar aos seus, na lira, nome e fama
de toda a ilustre e bélica fadiga;
que ele, nem quem na estirpe seu se chama,
Calíope não tem por tão amiga
nem as Filhas do Tejo, que deixassem
as telas de ouro fino e que o cantassem
Porque o amor fraterno e puro gosto
de dar a todo o Lusitano feito
seu louvor, é somente o pressuposto
das Tágides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe, enfim, de ter disposto
ninguém a grandes obras sempre o peito:
que, por esta ou por outra qualquer via,
não perderá seu preço e sua valia.”

Temos aqui a outra ocorrência do nome das Tágides, na estância 100, e a perífrase que igualmente as designa na estrofe 99: *Filhas do Tejo*, construída em coordenação a Calíope, como observa Epifânio, e, como nota ainda o mesmo comentador, tendo por ocupação habitual trabalhar *as telas de ouro fino*, tal como «*as ninfas que rodeavam Cirene, a mãe de Aristeu*», nas *Geórgicas* de Virgílio, IV.334-335¹¹.

¹¹ Faria e Sousa mencionara vagamente Virgíl., *Georg.* IV e acrescentara-lhe Claudiano, *De raptu Proserpinae I*; Sannazaro, *Arc.* prosa p. 12; e um texto bem mais próximo, a *Écloga III* de Garcilaso; “sacando telas delicadas del oro que el felice Tajo embia.”

As *Ninfas do Tejo* são chamadas a inspirar o Poeta, juntamente com as do Mondego (e repare-se como a perífrase aqui era necessária, pois o rio que banha Coimbra nem a partir do seu nome latino, muito menos do português, se prestava a criar um patronímico¹²) na invocação suspensa do final do Canto VII, quando o Poeta se preparava para começar a descrição das bandeiras (78-87). No entanto, se as Ninfas do Mondego são também mencionadas, são as do Tejo que mais marcadamente se invocam. Referiremos apenas os passos mais significativos para o nosso propósito, embora com o inconveniente de com isso excluir alguns dos trechos mais célebres do poema, ou por conterem dados autobiográficos, ou por darem voz a certas críticas sociais e políticas¹³ (VII.78; VII.79.1-4; VII.82.1-2; VII.85.1-8):

“Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,
eu, que cometo insano e temerário
sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,
por caminho tão árduo, longo e vário.
Vosso favor invoco, que navego
por alto mar com vento tão contrário,
que se não me ajudais, hei grande medo,
que o meu fraco batel se alague cedo.
Olhai que há tanto tempo que cantando
o vosso Tejo e os vossos Lusitanos
a fortuna me traz peregrinando,
novos trabalhos vendo e novos danos,
.....
Vede, Ninfas, que engenhos de senhores
o vosso Tejo cria valerosos,
que assi sabem prezar com tais favores
a quem os fez cantando gloriosos!
.....
Nem, Camenas, também cuideis que cante
quem com hábito honesto e grave veio,
por contentar o Rei no ofício novo,
a despír e roubar o pobre povo.”

Por duas vezes as Ninfas são ligadas ao rio, e nos mesmos termos (*o vosso Tejo*); na estrofe 85 são chamadas Camenas, o equivalente latino das Musas, que haviam usado Lívio Andronico e Névio, e que nunca se apagou de todo da Literatura Latina (nada

¹² A partir do arranjo do nome latino do Douro, o muito erudito António Ribeiro dos Santos havia de criar, no séc. XVIII, as suas Dórides como ninfas do Douro, nas odes «A D. Catarina Michaela de Sousa, quando estive na cidade do Porto» e «Em louvor das Dórides». Tratámos do assunto em “Um elogio setecentista da cidade do Porto» in *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa* (Lisboa, 1972) pp. 209-212. Vale a pena registar também o aparecimento de um novo mitónimo, em 1976, em José Gomes Ferreira, *Poesia VI: Dourodeias*.

¹³ Veja-se a este propósito R. Bismut, *Les Lusiades de Camões, Confession d'un Poète* (Paris, 1974).

menos de dez ocorrências em Horácio, sendo uma da *Arte Poética*¹⁴); e por último, esvaem-se as Tágides, destinatárias destas lamentações e advertências, para dar lugar a uma renovada profissão de confiança no deus da poesia e sua comitiva, que levarão a bom termo os seus propósitos (VII.87):

“Aqueles só direi, que aventuraram
por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
tão bem de suas obras merecida.
Apolo e as Musas que me acompanharam
me dobrarão a fúria concedida,
enquanto eu tomo alento descansado
por tornar ao trabalho, mais folgado.”

Note-se que a *fúria* remete de novo para a área semântica da inspiração épica, tal como a que fora pedida às Tágides em I.5.1¹⁵. A equivalência destas às Musas tornou-se evidente.

As referências às Musas somam uma dezena ao longo da epopeia (sem contar as que singularizam Calíope), mas é no Canto X que se acumulam, cada vez mais como metonímia para a inspiração poética, a culminar na apóstrofe famosa que introduz as desalentadas considerações finais (X.145.1-4):

“No mais, Musa, no mais, que a Lira tenho
destemperada e a voz enrouquecida
e não do canto, mas de ver que venho
cantar a gente surda e endurecida.”

Estas, por sua vez, precedem o «espelho de príncipes» dirigido ao jovem monarca, antes de encerrar o poema com a promessa de novo carne para celebrar os augurados feitos.

A promessa de compor um grande poema em honra de uma figura notável aparece mais do que uma vez na Lírica, nomeadamente na Écloga V, “A quem darei queixumes namorados”, dedicada a D. António de Noronha, segundo a rubrica, ou ao pai deste, D. Francisco de Noronha, na correcção de W. Storck¹⁶. O facto de essa figura poder ser também a de uma dama – porventura a mesma em ambas¹⁷ – antevê-se em dois poemas, a Ode VI, “Pode um desejo imenso” e a Écloga IV, “Cantando por um vale

¹⁴ O antigo nome latino das Musas figura também noutro passo de *Os Lusíadas*, no idílico quadro das mulheres negras da angra de Santa Helena, que em V.63 “Cantigas pastoris, ou prosa ou rima, na sua língua cantam, concertadas co’o doce som das rústicas avenas, imitando de Títiro as Camenas.”

¹⁵ Esta observação sobre a *fúria* encontra-se já em Epifânio.

¹⁶ Veja-se a nota à edição das *Rimas* por A. J. Costa Pimpão (Coimbra, 1973, reed. por Aníbal Pinto de Castro, Coimbra, 1994) p. 416. Por esta edição faremos todas as citações.

¹⁷ Sobre a destinatária desta Ode, A. J. Costa Pimpão, *op. cit.*, p. 413, observa: “O redactor do apenso manuscrito, já várias vezes referido, baseado não sabemos em que autoridade, diz que esta Ode foi dirigida a D. Francisca de Aragão”. Quanto à Écloga IV, tem a rubrica «A ua Dama».

docemente”. Na primeira destas composições, uma *fermosura* como a de Beatriz ou Laura, suscita a inspiração do Poeta, que anuncia (81-84):

“por vós levantarei não visto canto,
que o Bétis me ouça, e o Tibre me levante;
que o nosso claro Tejo
envolto um pouco vejo e dissonante.”

Na dedicatória da Écloga IV vai mais longe (14-18):

“Em vós tenho Helicon, tenho Pegaso;
em vós tenho Calíope, em vós Talia,
e as outras irmãs do fero Marte;
em vós perde Minerva sua valia;
em vós estão os sonos de Parnaso;
das Piérides em vós se encerra a arte.”

e, mais adiante (27-32):

“Podeis fazer que creça de hora em hora
o nome Lusitano, e faça enveja
a Esmirna, que de Homero se engrandece.
Podeis fazer também que o mundo veja
soar na ruda fruta o que a sonora
cítara Mantuana só merece.”

Foi este trecho, junto com a já atrás referida chegada das Ninfas na Écloga dos Faunos, que serviu de esteio à hipótese de Faria e Sousa sobre a identificação das Tágides com as damas de Lisboa.

A Écloga IV atribuída à sua destinatária os poderes das Musas e dos montes sagrados que elas habitavam. Além disso, punha em jogo a emulação com os dois modelos épicos supremos: os mesmos Homero e Virgílio que ao longo de *Os Lusíadas* são o duplo paralelo por que se afere a superioridade dos feitos lusitanos¹⁸.

Note-se que chamar Ninfa à mulher amada ou a uma mulher superior é prática constante da lírica camoniana. Na Écloga I, “Que grande variedade vão fazendo”, há um grupo de “fermosas Ninfas”, entre as quais “üa, de desusada fermosura / que das outras parece ser senhora” (345-346), mais adiante erguida a “deusa, bela e delicada” (383) e facilmente identificável, sob o anagrama de Aónia, como a princesa D. Joana, viúva do príncipe D. João, filho de D. João III (385-388). Na Écloga II, “Ao longo do sereno”, a Ninfa com que sonha Almeno (em pp. 297-314) é manifestamente a sua amada, como, aliás, em tantos outros exemplos. Mas as Ninfas podem também ser as tradicionais divindades do campo, das árvores, das águas, e aí o Poeta demonstra frequentemente a sua erudição mitológica, distinguindo-as pelos nomes adequados, quer andasse sempre com as

¹⁸ O duplo paralelo abrange também *exempla* da história, grega e romana, de tal modo que se pode dizer que constituem um princípio de composição, conforme procurámos mostrar em «Presenças da Antiguidade Clássica em *Os Lusíadas*» in *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, pp. 109-131.

Genealogiae de Boccaccio e a *Officina* de Ravisius Textor à mão, como julga a maior parte dos seus comentadores, quer não. Dessa erudição é prova o Soneto 73, que começa

“Náiades, vós, que os rios habitais,”

invocação essa a que contrapõe, na segunda quadra, a das

“Dríades, vós, que as setas atirais,
os fugitivos cervos derrubando,”

E, na Écloga VI, “A rústica contenda desusada” (193-194), é a elas ainda, conquanto inominadas, que Agrário se dirige:

“e vós, deusas do bosque e clara fonte,
ou dos troncos que vivem largos anos,”

O mar alto é povoado por Nereides, como as daquele coro que acompanhava a nau em que o poeta seguia para a Índia na Elegia I, “O poeta Simónides falando” (73-78)¹⁹ justamente considerada como um primeiro esboço de passos célebres de *Os Lusíadas*, designadamente a descrição da tempestade:

“O coro das Nereidas nos seguia,
os ventos, namorada Galateia
consigo, sossegados, os movia.
Das argêntas conchinhas, Panopeia
andava pelo mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene, com Ligeia.”

É nesta mesma Elegia que o Poeta se lamenta nestes termos (88-99):

“... - Ó claras Ninfas! Se o sentido
em puro amor tivestes, e inda agora
da memória o não tendes esquecido;
se, por ventura, fordes algũ’hora
aonde entra o grão Tejo a dar tributo
a Tétis, que vós tendes por Senhora;
ou por verdes o prado verde enxuto,
ou por colherdes ouro rutilante,
das Tágicas areias rico fruto;
nelas em verso heróico e elegante,
escrevei cũa concha o que em mim vistes:
pode ser que algum peito se quebrante.”

¹⁹ Analisámos estes nomes e sua proveniência em «Nomes de Ninfas em Camões» in *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, pp. 31-44, especialmente pp. 42-43.

“Das Tágicas areias rico fruto”, diz o verso 96, aludindo à lenda que atribuía ao Tejo águas auríferas, e usando um adjetivo derivado do nome latino do rio.

Mas, se procurarmos melhor, encontraremos, na Lírica também, mais precisamente nas Élogas, o famoso patronímico criado por André de Resende. Encontrá-lo-emos duas vezes, uma das quais com a vantagem de pertencer a uma obra datada. Trata-se da Éloga I, “Que grande variedade vão fazendo”, que é na verdade um duplo epicédio a D. António de Noronha, morto em África em 1553, e ao príncipe D. João, falecido no ano seguinte. No canto de Frondélio, o jovem filho do 2º Conde de Linhares é homenageado sob o nome arcádico de Tiónio, com motivos que lembram de perto os da morte de Dáfnis na V. *Bucólica* de Virgílio, como o da tristeza das Ninfas, dos animais, da própria Natureza, os quais são entrelaçados com o dos amores de Tiónio, contrariados pelo pai, que (218-219):

“porque do pensamento lho tirasse,
longe da causa dele o apartou,”

Ora a transição para este segundo tema é feita através das Ninfas do Tejo e das da montanha (187-192):

“As Tágides no rio e na aspereza
do monte as Oreadas, conhecendo
quem te obrigou ao duro e fero Marte,
como geral sentença vão dizendo
que não pode no mundo haver tristeza
em cuja causa Amor não tenha parte.”

As Tágides terão tido aqui o seu primeiro aparecimento na Literatura Portuguesa, na qualidade de Ninfas do Tejo (e por sinal que em contexto semelhante ao dos versos citados pelo humanista eborense). Serão depois uma presença constante no mundo pastoril, a ponto de darem o nome a um dos Idílios de Bocage, o XI.

A Éloga III, “Passado já algum tempo que os amores”, que não sabemos datar, é o outro exemplo. Aí, na fala de Belisa, tem lugar uma metamorfose²⁰, uma das muitas que se detectam em Camões – da pastora em rochedo. Quem a opera são as Ninfas do Tejo (218-220):

“Vês as ninfas do Tejo que, mudando,
me vão já, pouco a pouco, o claro gesto
noutra forma mais dura traspassando!”

As margens do rio eram o cenário desta Éloga (“pela praia do Tejo discorria”, diz o v.11). É aí que Almeno avista a sua “linda pastora” (v.7), “a lavar a beatilha e o

²⁰ Sobre a frequência deste motivo, popularizado pelo poema de Ovídio, na obra de Camões, veja-se o nosso estudo «O tema da metamorfose na poesia camoniana» in *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, pp. 45-67.

trançado” (v.12), aí que “não lhe soube dizer o que convinha” (v.20). O encontro e desencontro entre os dois é preludiado por estes versos (35-42):

“As mágoas, que passaram, se dirão;
mas as que ela dizia,
lembrando-lhe que via
as águas murmurar do Tejo amenas,
remeto a vós, ó Tágides Camenas,
que, de mágoa, não posso dizer tanto,
porque em tamanhas penas
me cansa a pena e a dor me imped’ o canto.”

As Ninfas do Tejo ligadas ao rio que habitam ou identificadas com as Camenas, foi o que vimos há pouco no Canto VII de *Os Lusíadas*. Aqui, os dois nomes – o patronímico sob forma adjetiva e a antiga designação latina das Musas – juntaram-se num único sintagma.

A localização das Musas (que, aliás, já vinha do próemio da *Teogonia* de Hesíodo, onde são qualificadas ora de Helicónias, ora de Olímpicas) pode encontrar-se ainda, e de forma bem significativa, numa Ode de Camões, precisamente aquela Lírica sua que foi a primeira a ser publicada em vida do autor e das raras a ter essa dita: a Ode VIII, “Aquele único exemplo”, endereçada a D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo e vice-rei da Índia, para lhe apresentar e recomendar os *Colóquios dos Simples e Drogas* de Garcia de Orta. Ao autor do livro que, depois de resumido e traduzido em latim, havia de dar a conhecer à Europa culta os recursos terapêuticos das plantas indianas, é atribuída a assistência das Musas (aqui tomadas no seu sentido primeiro de inspiradoras de todas as formas do saber²¹), que são qualificadas de Gangéticas, com indiscutível propriedade topográfica. Por isso, o Poeta não hesita em elogiar o médico nestes termos, embora o faça envolvendo-o na tradição épica do preceptorado de Quíron a Aquiles²² (49-54):

“E vede carregado
d’anos, e trás a vária experiência,
um velho, que, ensinado
das Gangéticas Musas na ciência
Podalíria sutil e arte silvestre,
vence o velho Quíron, d’Aquiles mestre.”

É tempo de voltarmos à invocação de *Os Lusíadas* e de, com os dados obtidos, procurar esclarecer as razões da escolha das Tágides como fonte de inspiração da epopeia. Para isso teremos de recorrer de novo a André de Resende, que observa como os grandes rios do País lhe foram estabelecendo os limites. É que, diz ele, de início, o reino de Portugal mantinha-se entre o Douro e o Minho, como se fossem

²¹ Cf. Platão, *A República* 548b: “a verdadeira Musa, a da dialéctica e da filosofia”.

²² Cf. *Iliada* XI. 830-832.

o seu berço. Depois, propagou-se até ao Mondego. O Guadiana separa a Lusitânia da Bética. Mas o Tejo, esse, corta ao meio a Lusitânia (“Tagus autem mediam secat Lusitaniam”). Daí a distinção das terras em cistaganas e transtaganas, segundo os neologismos por ele criados.

O rio identifica o País, e as suas Ninfas passarão também a ser detentoras do saber poético. Ao invocar a Musa da epopeia no começo da narrativa da História de Portugal, Camões pretende transferir para o seu País a desejada presença de Calíope (III.2):

“Põe tu, Ninfa, em efeito meu desejo,
como merece a gente Lusitana;
que veja e saiba o mundo que do Tejo
o licor de Aganipe corre e mana.
Deixa as flores do Pindo, que já vejo
banhar-me Apolo na água soberana;
senão diria que tens algum receio
que se escureça o teu querido Orfeio.”

Aganipe toma agora o lugar de Hipocrene, de I.4.8. No plano épico, falara-se antes de “tudo o que a antigua Musa canta” (I.3.7); a seguir, como já vimos, das “estranhas / Musas de engrandecer-se desejosas” (I.11.3-4). Entre umas e outras obras se vão situar *Os Lusíadas*, narrando feitos ainda mais valorosos do que os antigos, e verídicos, como em nenhum dos outros grandes poemas. É este último ponto que Vasco da Gama acentua ao terminar a sua narrativa ao Rei de Melinde (V.89.4-8):

“Que, por muito e por muito que se afinem
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto, nua e pura,
vence toda grandiloqua escritura!”

Noutros passos podiam evocar-se as Musas, nomeadamente Calíope, que não estavam nunca deslocadas numa epopeia composta em clave greco-latina. Mas no lugar solene da invocação de todo o poema, havia que assinalar que essa obra moldada pelos cânones da Antiguidade era também eminentemente nacional²³. O próprio deus da poesia havia de conferir às águas do Tejo o mesmo valor das de Aganipe e de Hipocrene. As Tágides seriam assim as novas entidades míticas dadoras da “fúria grande e sonora” que há-de distinguir esta epopeia.

²³ No seu já citado artigo “Epische Grösse und manuelinischer Stil”, Kurt Reichenberger observa: “Kennzeichend für die patriotische Haltung, die Camões in jeder Phase seines Beginnens beseelt, ist die Abwandlung des traditionellen Musenanruts in eine *Invocatio* der Nymphen des Tejo, die er um die gesuchte Inspiration angeht” (p. 92).